

OS REGISTROS DA APRENDIZAGEM COMO BÚSSOLA NO DIRECIONAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bruna Bonivais de Oliveira¹; Andreza Emicarla Pereira Cavalcante²; Maria da Conceição Costa³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ E-mail: brunabonivais@gmail.com¹; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ E-mail: andreza_emicarla@hotmail.com²; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ E-mail: ceicaomcc@hotmail.com³

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de refletir acerca dos resultados parciais da pesquisa “Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: análise do acompanhamento da aprendizagem discente com foco na avaliação diagnóstica” (DE/ GEPPE/UERN). Evidenciamos o papel dos registros de aprendizagem em seu amplo sentido, ou seja, sua importância enquanto documento norteador para professor, pois o mesmo possibilita o docente refletir sobre sua prática pedagógica, ao mesmo tempo, a comunidade escolar, consegue acompanhar o processo de ensino e aprendizagem de maneira mais efetiva. Construímos esse trabalho em dois percursos metodológicos, inicialmente nos debruçamos em estudos bibliográficos de autores como: Alves (2015); Stetto (2000) Zabalza (1994) e Vygotski (1998). Em um segundo momento, realizamos a pesquisa de campo numa Creche Municipal na cidade de Rafael Fernandes, na ocasião coletamos questionários das professoras e registros (geral e individual) da turma de Pré-escola II (2016). As discussões, apontam o quanto é complexo o processo de alfabetização, sendo que este não está ancorado apenas na codificação e decodificação, mas está associado a uma tríade - escrita/leitura/oralidade -, mostrando-nos assim, que os registros são ferramentas fundamentais nesse processo, pois por meio desses escritos, os educadores podem compreender de maneira mais clara o processo de alfabetização de cada aluno em particular e da turma em geral. Concluímos que, as professoras pesquisadas, constroem (coletivamente) seus registros, ainda de maneira vaga, pois não conseguimos compreender claramente quais as habilidades e competências que os educandos já construíram, e quais estão em processo de aprendizagem. Intuímos que, esse cenário está atrelado a ausência das discussões teóricas, sobre registros de aprendizagem, na formação inicial e continuada dessas profissionais de ensino.

Palavras-chave: Registros, Prática Pedagógica, Educação Infantil.

Introdução

A aprendizagem cognitiva do sujeito, é um processo contínuo, no qual se tem início nos primeiros anos da Educação Infantil, visto que é um período em que a criança começa a interagir com outras crianças de diferentes contextos sociais. O professor, por sua vez, é responsável por mediar sua aprendizagem, sendo necessário que o mesmo observe, avalie, registre e diagnostique esse processo. Assim, entendemos que os registros, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's): “[...] tem a função de alimentar, sustentar e orientar a prática pedagógica” (BRASIL,

1997, p. 55), ou seja, possibilita aos professores ressignificar as suas metodologias, viabilizando refletir diante das necessidades individuais de cada aluno, favorecendo assim, atender a essas e melhor intervir no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, os registros de aprendizagem, construídos pelo professor, tornam-se um suporte para atingir seus objetivos fazendo o uso desses como ferramenta para auxiliar o acompanhamento do desenvolvimento dos seus alunos. Além disso, possibilita que os pais ou responsáveis também possam acompanhar esse processo. Dessa forma, os registros podem ser entendidos como: “mecanismos nos quais os docentes fazem uso para refletirem em sua metodologia, ou seja, relacionar os resultados obtidos com sua prática, na qual viabiliza os seus progressos e regressos. Baseando-se assim, no que foi inscrito, lhe proporcionando fazer suas próprias críticas, avaliações, reflexões” (OSTETTO, 2008, p. 63)

O referido trabalho, é fruto dessas discussões teóricas e empíricas advindas da pesquisa: “Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: análise do acompanhamento da aprendizagem discente com foco na avaliação diagnóstica” vinculada ao Departamento de Educação – DE no Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-aprendizagem – GEPPE da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

As discussões empíricas aqui apresentadas, são frutos de uma coleta parcial dos dados, que possibilitou uma aproximação com realidade da escola e com os sujeitos nela envolvidos, uma forma de adentrarmos no “chão da escola”, possibilitando, um contato proximal com professores e alunos, e de como ocorrem a elaboração desses registros.

Nessa perspectiva, almejamos que este trabalho convide aos professores em formação e/ou em atuação na área, a refletirem acerca da relevância dos registros do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, que possamos contribuir com as discussões acadêmicas nesse âmbito.

Metodologia

A elaboração do presente trabalho se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, em que foram coletados registros feitos por três professoras, que ensinam na mesma turma e fazem os registros coletivamente. Nessa investigação, as chamaremos de Estrela, Sol e Lua, as docentes são da rede de ensino pública, da cidade de Rafael Fernandes/RN, de uma turma da Pré-escola II, com quarenta e cinco alunos, no ano de 2016.

Utilizamos uma abordagem qualitativa, pois buscamos compreender e interpretar de maneira mais precisa o papel dos registros de aprendizagem na Educação Infantil, não no que diz respeito a

números, mas de forma exploratória, de forma que possamos refletir sobre o que está em questão: os registros como ferramenta no processo de aprendizagem do aluno.

Nossas atividades, na referida pesquisa, iniciaram-se por meio de reuniões e debates com os integrantes do estudo, e estudos bibliográficos, que de acordo com (GONÇALVES, 2001, p. 65) é “[...] [aquela etapa da investigação] que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno”. Dessa forma, inicialmente pudemos realizar, nas reuniões, discussões sobre o objetivo da pesquisa e sobre os referenciais teóricos da área.

Na segunda etapa da investigação, fomos ao campo, “[...] [buscando] um aprofundamento específico de uma realidade. Fundamentada numa observação direta no grupo em estudo, em entrevistas, nas quais possibilita captar informações, explicações e interpretações da realidade investigada” (GIL, 2008, p. 43). Inicialmente, conversamos com a diretora da escola e expusemos os objetivos do nosso trabalho, logo após, conversamos com as professoras e realizamos a aplicação de um questionário e a coleta dos registros parciais da turma. Com o fim do ano letivo de 2016, coletamos os relatórios conclusivos da turma. Ao todo, temos em nosso banco de dados, três questionários, quarenta e cinco relatórios individuais, e um relatório parcial e conclusivo da turma.

Nessa produção acadêmica, destacamos apenas dois registros parciais, e cinco relatórios individuais dos alunos. Nomearemos os educandos como: Aluno A; Aluno B; Aluno C; Aluno D e Aluno E. Ao longo da análise, percebemos que existe um padrão nas escritas das professoras. À essas informações, vamos dar ênfase nessa discussão.

Resultados e Discussão

Inicialmente, entendemos ser necessário, ampliar a concepção que se tem sobre os registros de aprendizagem, é preciso vislumbrar esses documentos, para além das questões burocráticas que as escolas impõem aos professores. Provocamos os leitores, a ter um novo olhar sobre esse material, pois esses escritos são um banco de dados riquíssimo, construído pelo professor, por isso, capaz de auxiliar o educador na ação – reflexão – ação da prática educativa. Nesses documentos, são registradas informações da criança, as dificuldades e os avanços nas atividades realizadas em sala de aula, pode-se e deve-se anotar ações cotidianas, podendo assemelhar-se com um diário pessoal, em que descrevemos desde acontecimentos a emoções.

Destacamos ainda que, não se registra apenas com a escrita, mas que há outros mecanismos, como fotografias, gravações, inúmeras formas, cabe ao profissional como melhor desenvolvê-lo, porém, é necessário que saiba fazê-lo e tenha clareza.

As informações expressas nos registros de aprendizagem, podem ser retomadas posteriormente pelo professor e equipe pedagógica da escola. É um momento de reflexões sistematizadas, de leitura e (re) leitura, buscando compreender a complexidade do ensinar e aprender.

Sendo assim, o registro para o educador, segundo Alves (2015, p. 23):

[...] se configura como diário de campo, que visa o acompanhamento do aluno, mas também serve para realizar uma avaliação diagnóstica, e ao mesmo tempo, promover reflexões sobre a prática do professor alfabetizador, acerca do modo como os mesmos promovem/constroem o registro escolar, porque, muitas vezes o mesmo não passa de uma necessidade burocrática, na qual, os professores são forçados a construí-lo, nos quais, se resumem a mera descrição do aluno, sem nenhum significado para o seu processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, é importante destacar que os registros escolares não são fundamentais apenas para a reflexão da ação pedagógica do professor, mas que ele engloba a escola em um todo, incluindo também o aluno, e servindo de auxílio para planejamentos e projetos entre os demais membros que compõe a escola, observando as dificuldades da escola, assim, implicando na melhoria da instituição como um todo.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010, p.17):

A observação, sistemática, crítica e criativa do documento de cada criança, de grupos de crianças, das brincadeiras, e interações entre crianças no cotidiano e a utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.) feita ao longo do período em diversificados momentos, são condições necessários para como a criança se apropria de modos de agir, sentir e pensar culturalmente constituídos.

Os registros, podem ser considerados como uma bússola para o profissional da educação, pois orienta o fazer pedagógico, além disso, os educadores recorrem a esses documentos quando se esquecem de algo, ou precisam confirmar algum dado, pois são neles que estão contidas informações de forma clara, permitindo relembrar fatos ocorridos e aprender com a nossa própria experiência.

No decorrer da análise dos registros, gerais e parciais, da turma pesquisada, percebemos que as professoras dão atenção a descrever o processo de alfabetização das crianças, por isso,

consideramos relevante apresentar as discussões teóricas que pautam a nossa compreensão sobre a alfabetização e letramento, sendo que, são esses estudos que nos auxiliam a analisar os textos coletivos das professoras.

O processo de alfabetização da criança é muito complexo, pois não envolve apenas os fatores cognitivos, como também, contexto social, histórico e econômico influencia nesse percurso. Visto que, a aprendizagem se dá por meio da interação, quando há o contato com o outro. É então necessário que haja um responsável por mediar esse processo formativo do aluno.

Vygotsky (1998) traz abordagens significativas sobre a importância do papel do mediador no processo de desenvolvimento mental da criança. Na escola, o mediador é o professor, visto que, o mesmo tem um papel privilegiado no processo de construção do conhecimento do aluno, por passar mais tempo em interação com o mesmo na instituição de ensino, por isso, o educador precisa dialogar, acompanhar, e buscar recursos para que o conhecimento chegue até o aluno, mas que ele não modifique sua essência, desta maneira, o autor afirma que:

A razão é tão engenhosa quanto poderosa. A sua engenhosidade consiste principalmente em sua atividade mediadora, a qual, fazendo com que os objetos hajam e reajam uns sobre os outros, respeitando a sua própria natureza e, assim, sem qualquer interferência direta no processo, realiza as intenções da razão. (VYGOTSKI, 1998, p. 47).

Assim, a alfabetização vai além da codificação e decodificação, ela faz relações entre o texto (oral e escrito), numa concepção de interpretação, ou seja, construindo para os sujeitos significados relevantes nesse processo de ensino e aprendizagem, no qual está ligado não apenas ao ler e escrever, mas na sua compreensão, proporcionando ao sujeito, uma interação com o mundo e o que lhe rodeia.

Dessa forma, compreendemos que a alfabetização envolve não apenas a habilidade do código, mas que para melhor compreensão do seu sentido amplo, esse processo relaciona a leitura, escrita e oralidade, assim ocasionando significados para os sujeitos, destacando assim, que a oralidade é de fundamental importância nesse processo. Haja visto que, as comunicações orais das crianças têm início antes de frequentarem o ambiente escolar, no seu contexto social, mais precisamente com a família. Sendo assim, a oralidade nada mais é que um fator norteador para aquisição da língua escrita.

Sendo assim, podemos entender que a criança passa por diversas situações para então estabelecer uma associação entre grafema e fonema, e uma delas está associado ao interpretar/compreender. Nas palavras de Alves (2015),

[...] é necessário estabelecer uma relação entre o texto (oral ou escrito) entendendo a escrita como um sistema de linguagem, mas que, no entanto, não se sobrepõe a fala. Desse modo, é preciso identificar a sintonia entre o que se fala e o que se escreve, na tentativa de compreender o mundo em que se vive. Por isso, estabelecemos aqui a relação entre a tríade oralidade/leitura/escrita entendendo o processo de alfabetização para além das habilidades de lidar com o código, mas sim, como aquisição de linguagem que levará os sujeitos a transformar o contexto no qual estão inseridos (ALVES, 2015, p. 26).

Dessa maneira, é perceptível que o processo de alfabetização não está voltado apenas para a junção das letras, e sim, fundamentada nessa tríade - escrita/leitura/oralidade -, na qual o sujeito não irá apresentar apenas uma competência, no que diz respeito ao código, mas sim em sua totalidade, sua compreensão e interpretação, para que assim, possa interagir por meio da leitura e escrita, o mundo que o rodeia e a sociedade que está inserido.

Sem dúvidas esse processo é complexo, tanto para o educador quanto para o educando, pois o docente, muitas vezes, não tem uma teoria sólida que oriente sua prática, perpassando por flutuações pedagógicas, o que problematiza ainda mais a intervenção do professor. Além disso, os alunos têm suas particularidades, exigindo do docente, múltiplas estratégias de ensino, associando isso, ao grande número de alunos nas salas de aulas, a ausência de estrutura física das escolas públicas e os poucos recursos pedagógicos, entendemos que alfabetizar é desafiador.

Sendo necessário, acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno, uma ferramenta importante para esse processo, é o uso dos registros, tanto o individual, no qual o professor irá conhecer o seu aluno em sua singularidade, quanto o geral, de forma que possa identificar quais dificuldades mais recorrentes por maior parte dos mesmos. O docente necessita fazer uso dos registros, de forma que possa acompanhar o processo de aprendizagem de seus alunos, observando seus avanços e retrocessos, utilizando esse material como referencial na reflexão de suas metodologias, aprimorando assim o seu trabalho diário, e elencando os seus recursos de acordo com as necessidades dos seus educandos em sala de aula.

As discussões teóricas, até aqui apresentadas, são fundantes nessa pesquisa, pois compreendemos que os saberes já construídos por esses autores citados, nos possibilitam construir novos saberes, a partir do nosso *lócus* de investigação. Doravante, nos deteremos a analisar parte do

nosso banco de dados, com intuito de apresentar ao leitor as nossas análises sobre as informações construídas.

Inicialmente analisamos o registro inicial parcial da turma de Pré - escola II, feito coletivamente pelas três professoras. Visto que, é por meio desse diagnóstico, que as docentes puderam ter uma visão mais ampla da turma, na qual notaram as características dos seus alunos, sendo elas: cognitivas; intelectuais; as habilidades e comportamentos. Permitindo que, as professoras possam direcionarem-se aos seus objetivos e metodologias de ensino em consonância com as necessidades dos seus alunos.

Por se tratar de um registro parcial e geral, está descrito de forma bem sintética, porém, é possível destacar que as professoras percebem a turma de forma heterogênea. Considerando o número de alunos, entendemos que trata-se de uma turma complexa, já que sua heterogeneidade não se restringe apenas ao nível de aprendizagem, mas também ao comportamento. Como escreve coletivamente as professoras Estrela, Sol e Lua:

[...] Completamente diferente tanto no nível de aprendizagem como no comportamento, onde a maioria da turma não conhecia nem o alfabeto maiúsculo, e outros conheciam somente as letras maiúsculas com dificuldades, e alguns nem as vogais, onde dificulta cada vez mais o ensino e aprendizagem. Em matemática alguns associava números e quantidades até 5, mas não conseguia escrevê-los e outros conseguia associar e escrevê-los [...] (Banco de dados da pesquisa de campo, 2016).

Nessa perspectiva, cabe ao docente buscar mecanismos que o ajude a desenvolver uma prática, que possibilite a esses alunos um processo de aprendizagem no qual eles consigam obter um bom desempenho. Sendo responsabilidade do professor introduzir meios que possam intervir diretamente nessas necessidades. Sendo assim, o registro é uma ferramenta fundamental, já que são diagnósticos que devem ser revistos, e analisados frequentemente, pois além de servir como uma base para que o professor possa tomar direcionamento de quais métodos irá utilizar com seus alunos, serve, também, para que ele mesmo reflita sobre suas práxis. Sendo assim, de acordo com o educador espanhol Miguel Zabalza (1994) os registros apresentam observações no processo de ensino e aprendizagem da turma, permitindo assim que o professor possa refletir em sua prática, visando a qualidade de ensino no que diz respeito a: planejar, realizar, documentar, analisar e replanejar.

Ainda nesse relatório geral e parcial da turma, as professoras destacam: “No decorrer do ano letivo, vamos fazer o possível para conseguir avanços [...] estamos dispostas a enfrentar esse desafio e conseguir desenvolver métodos que venham alcançar objetivos propostos nos planejamentos semanais e com isso desenvolvendo a aprendizagem”. Ou seja, elas demonstram que há um interesse em atingir um objetivo ao término do ano letivo, o desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos. Não demonstrando desinteresse por se tratar de uma turma diversificada e numerosa.

Nos registros individuais, no qual as educadoras passam a escrever a singularidade de cada aluno, identificando suas necessidades e avanços na aprendizagem, destacamos cinco relatórios nos quais podemos perceber que, ao começar a relatar sobre cada aluno, as professoras seguem um padrão, ou seja, inicialmente escrevem acerca do comportamento, seguido do nível de aprendizagem na leitura, escrita e matemática que se encontram, e por fim, nos conhecimentos de natureza e sociedade.

Segundo os registros selecionados, dois dos cinco alunos precisam ou fazem um acompanhamento psicológico, utilizando disso para relacionar as necessidades específicas dos educandos aos seus comportamentos indisciplinados e suas dificuldades na aprendizagem. Enquanto os outros três, elas já relatam que todos conhecem o alfabeto, associam números e quantidades, e dominam alguns conhecimentos de natureza e sociedade. Conforme escrevem as professoras Estrela, Sol e Lua em seu relatório coletivo:

ALUNO A - O Aluno iniciou o ano letivo com muitas dificuldades, pois o mesmo faz tratamento psicológico [...] Têm dificuldades tanto na aprendizagem, quanto na socialização com os colegas [...]. **ALUNO B** - O educando é bem ativo, conversa bastante com os colegas, conta história, participa das brincadeiras [...] já conhece o alfabeto minúsculo e maiúsculo [...] Conhece os números até vinte [...] Conhece as características básicas dos animais [...] as partes das plantas e sua importância. **ALUNO C** - [...] é um aluno bastante ativo, tem dificuldade no relacionamento com os colegas, chega até a bater [...], não conseguindo ter um bom desenvolvimento na aprendizagem[...]. **ALUNO D** - É uma aluna muito calma, participa da aula, respondendo perguntas sobre o conteúdo [...] já conhece o alfabeto maiúsculo e minúsculo [...] associa números e quantidades até vinte, os animais e suas características básicas, as partes da planta [...] identifica o lugar onde vive, diferenciando o sítio, da cidade. **ALUNO E** – É uma ótima aluna, tem comportamento exemplar, participa das aulas [...] conta história, se socializa muito bem. Conhece o alfabeto maiúsculo e minúsculo [...] associa os números e quantidades até 30 [...] realiza higiene corporal, identifica os meios de transportes e de comunicação [...] as partes das plantas [...] lugar onde vive, fazendo a diferença entre a zona urbana e zona rural. (Banco de dados da pesquisa de campo, 2016).

Consideramos que, as informações expostas nos relatórios são vagas, pois não deixam claro, em muitos momentos, aspectos relacionados ao processo de construção do conhecimento dos alunos de maneira individual. Entendemos que, essa escrita que repete padrões e descreve a aprendizagem de maneira simplificada, não consegue contribuir de maneira efetiva para a intervenção propositiva da ação pedagógica.

Com intuito de elucidar nossa análise, apresentamos abaixo mais um trecho dos relatórios individuais, no qual as professoras escrevem coletivamente:

ALUNO C – É um aluno bastante ativo, tem dificuldades no relacionamento com os colegas [...] Não consegue ter um bom desenvolvimento na aprendizagem, só faz bolinhas, e com ajuda algumas letras do seu nome. Em matemática consegue com ajuda fazer a contagem de números simples (Banco de dados da pesquisa de campo, 2016).

Ou seja, fica implícito quais são as maiores dificuldades dos alunos, quais os tipos de ajudas que são necessárias para realizar-se determinadas atividades, assim, como não deixam claro de que forma esse aluno é ativo em sala de aula, se seria na perspectiva do comportamento ou na sua participação no desenvolvimento das atividades.

Diante dessas discussões, é importante ressaltarmos que os registros também servem para que possamos refletirmos sobre a prática docente do professor, fazer com que ele se volte para a sua ação educativa, e que possa ressignificar quando preciso. Dessa forma, com o relatório final da turma, as professoras escrevem coletivamente o seguinte: “No decorrer do ano letivo [...] conseguimos ter um avanço significativo [...] Conseguimos vários dos objetivos proposto durante o ano letivo, desenvolvendo o ensino e aprendizagem” (Banco de dados da pesquisa de campo, 2016).

Nessa perspectiva, podemos perceber que, os registros são instrumentos que auxiliam aos professores no processo de aprendizagem do aluno e a refletirem em suas práxis, visto que, é uma forma de dialogar entre o que está registrado, com o que está sendo praticado; é nesse contexto que possibilita ao professor uma reflexão significativa da sua prática educativa, pois, viabiliza métodos que possam ser inseridos ou retirados, ou seja, quais ferramentas são mais eficazes para atender a necessidade do aluno.

Conclusões

Diante das discussões teóricas realizadas e da análise dos dados empíricos, percebemos a dimensão dos registros no processo de ensino e aprendizagem. É nítido, que é uma ferramenta

fundamental para os professores, visto que, os asseguram de diagnósticos para seus recursos metodológico, assim, refletindo na sua prática e os fazendo repensar nas melhores metodologias de ensino que favoreçam aos seus alunos uma aprendizagem significativa. É também, um recurso, no qual o professor pode se apropriar para analisar o desempenho da turma, e se assegurar de que ele alcançou seus objetivos enquanto profissional.

Os registros, são assim, uma ferramenta indispensável no processo de ensino-aprendizagem, visto que, são neles que os professores frisam quais as maiores dificuldades da turma no geral quanto em suas particularidades, no caso dos alunos no individual. É com base nesse registro, que o professor acompanha o desenvolvimento de cada aluno, e pode voltar-se para a necessidade de cada um. Visando a reflexão de sua prática educativa, visto que cada sujeito apresenta níveis diferentes de aprendizagem e estão inseridos em um mesmo cenário, a sala de aula.

Nessa perspectiva, a pesquisa em andamento nos proporcionou resultados significativos, na qual, a importância dos registros vai além da teoria, está associada de forma direta com a prática do professor. Nos possibilitou uma aproximação com a realidade educacional, na qual refletimos as aproximações e distanciamentos entre os estudos teóricos e as práticas pedagógicas pesquisadas. Enquanto pedagoga em formação, esse trabalho é uma oportunidade, para nos apropriarmos teoricamente dessa temática e refletirmos sobre a nossa futura atuação na Educação Básica.

Referências

ALVES, Elenice Pereira. **Atendimento individual como estratégia de trabalho para alfabetização de crianças nos anos iniciais**. Pau dos Ferros, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação a pesquisa científica**. ed. Alínea: Campinas, 2001.

STETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: _____ (Org.) **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 2000, p. 175 – 200

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998

ZABALZA, Miguel Ángel. **Diários de aula**. Portugal: Porto, 1994.